SABE DA ÚLTIMA? O JORNALEIRO SABE!
CANAL ÚNICO PDF O JORNALEIRO
ACESSE: t.me/jornaiserevistas

Crusoé 96

www.crusoe.com.br - 28/02/2020

PRESIDENTE REFÉM

Para se opor aos hábitos da velha política, é preciso fazer política. Bolsonaro não tem feito e, ao contrário do que parece, os seus arroubos o deixam cada vez mais à mercê do Congresso

POR IGOR GADELHA E RENATO ALVES

Bolsonaro com simpatizantes à porta do Alvorada: relação estranha com o Congresso

Presidente refém

Para se opor aos hábitos da velha política, é preciso fazer política. Bolsonaro não tem feito e, ao contrário do que parece, seus arroubos o deixam cada vez mais à mercê do Congresso

28/02/2020 01:56

IGOR GADELHA

RENATO ALVES

► OUVIR NOTÍCIA

Em março do ano passado, enquanto o governo recém-empossado ainda engatinhava, os fisiológicos do Congresso já nadavam de braçada ao praticar o seu esporte predileto. Em meio à clássica disputa por poder, tentavam emparedar o Palácio do Planalto a fim de

SABE DA ÚLTIMA? O JORNALEIRO SABE!
CANAL ÚNICO PDF O JORNALEIRO
ACESSE: t.me/jornaiserevistas
Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

abocanhar o máximo possível de verbas e cargos estratégicos na administração federal. Na ocasião, o presidente Jair Bolsonaro já emitia sinais de que poderia se render — fato destacado em reportagem de capa de **Crusoé** –, embora ainda estivesse embalado pelo escrutínio favorável das urnas, o que lhe conferia duas vantagens essenciais a um governante em início de mandato: lastro político e apoio popular. De lá para cá, porém, o governo se mostrou pródigo em se enroscar nas próprias pernas, e entregar de bandeja narrativas das mais diversas para a oposição. Pululam situações que poderiam ser evitadas, mas que os arroubos presidenciais ou de sua prole fizeram o desfavor de potencializar. O resultado, 14 meses depois da posse, é que, ao empilhar crises e empreender manobras políticas equivocadas, o presidente torna-se cada vez mais refém do fisiologismo e de vícios os quais sempre jurou condenar.

O rumoroso episódio do compartilhamento, por Bolsonaro, de um vídeo com a convocação para um protesto contra o Congresso, marcado para 15 de março, uma manifestação que anima as hostes bolsonaristas nas redes sociais e fora delas, é emblemático. Até então, como relatou **Crusoé** na edição da semana passada, a "guerra do foda-se" — alusão ao palavrão usado pelo general Augusto Heleno, ministro do Gabinete de Segurança Institucional, ao acusar os congressistas de chantagear o governo — estava completamente em aberto. Enquanto os militares e reformistas do governo falavam grosso de um lado, e acusavam a chantagem explícita dos parlamentares na disputa pelo controle de 30 bilhões de reais em emendas do Orçamento deste ano (o tal Orçamento impositivo), o Congresso se articulava de outro para ficar com um naco mais robusto dessa dinheirama, a fim de atender às conveniências político-eleitorais. Depois do WhatsApp presidencial, o preço do fisiologismo parece ter ficado mais elevado. A tendência agora é que, na próxima semana, ao se debruçar sobre o tema, os parlamentares usem o caso como pretexto para derrubar o veto de Bolsonaro à proposta que confere ao relator do Orçamento todo o poder sobre a destinação da verba bilionária. Outras duas pautas, até então consideradas pelo governo como pule de dez para aprovação, foram ao telhado: o projeto de autonomia do Banco Central e o Plano Mais Brasil, proposto pelo Ministério da Economia para reduzir os gastos públicos.

Também é provável que o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, dê vazão a projetos com potencial de causarem impacto nas despesas públicas. A mais preocupante é a que reformula a política do salário mínimo — emenda já apresentada à medida provisória que

Canal Único PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

fixa o valor em 1.045 reais, com consequências sobre o Orçamento já deste ano. Conforme apurou **Crusoé**, Maia tomou conhecimento do vídeo compartilhado por Bolsonaro quando estava prestes a deixar Paris rumo a Madri. O presidente da Câmara está, desde a segunda-feira de Carnaval, em viagem oficial à Europa, de onde só deve retornar nos primeiros dias de março. De imediato, Maia passou a ser procurado por deputados que lhe cobravam uma reação enérgica. Aliados próximos, porém, sugeriram ao presidente da casa reagir de maneira diferente dessa vez. O conselho foi para que adotasse "cautela, frieza e objetividade". "A tensão no ambiente político é o 'novo normal' desde que Bolsonaro é presidente da República. Tudo que ele precisa é manter a disjuntiva velha política versus nova política", argumentou um aliado de primeira hora de Maia. Seguindo os conselhos dos que atuaram como bombeiros da crise, o deputado usou suas redes sociais para esfriar a temperatura ambiente. "Somos nós, autoridades, que temos de dar o exemplo de respeito às instituições e à ordem constitucional. O Brasil precisa de paz e responsabilidade para progredir", escreveu na quarta-feira de Cinzas, sem mencionar Bolsonaro e o ato de 15 de março. Na sequência, coube ao próprio presidente da República puxar o freio de mão, também nas redes. "Tenho 35M de seguidores em minhas mídias sociais, com notícias não divulgadas por parte da imprensa tradicional. No WhatsApp, algumas dezenas de amigos, onde trocamos mensagens de cunho pessoal. Qualquer ilação fora desse contexto são tentativas rasteiras de tumultuar a República", dizia o tuíte.

Adriano Machado/Crusoé

Alcolumbre e Maia: o conselho recebido foi para agirem com frieza a Bolsonaro

Canal Único PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Responsável pela articulação política do Planalto, o titular da Secretaria de Governo, general Luiz Eduardo Ramos, só conseguiu contato na tarde do mesmo dia com o presidente da Câmara e o do Senado, Davi Alcolumbre. Pelo WhatsApp, o ministro repetiu o que já havia dito à imprensa: que o presidente da República compartilhou o vídeo pelo "tom emotivo" da produção, que cita a facada levada por ele durante a campanha eleitoral de 2018. No Senado, o líder do governo no Congresso, senador Eduardo Gomes, do MDB, ajudou na tarefa. A pedido do general Ramos, o emedebista passou a telefonar para cada um dos senadores para tentar clarear a situação. O próprio, porém, reconheceu que o caldo já havia entornado. "A quarta-feira não foi de Cinzas, foi de chamas", disse o senador em conversa com **Crusoé**.

Bolsonaro, aos poucos, descobre que, apesar da popularidade, a caneta do presidente tem limite – e que ele pode muito, mas não pode tudo. Por isso, adota um comportamento ambivalente. Maquiavel dizia que é necessário distinguir o que o "príncipe" fala do que ele faz. Assim o pensador florentino realçava a importância de se tirar o peso daquilo que é declarado pelo governante, dando mais ênfase e importância a como ele de fato se comporta no dia a dia. O problema é quando os atos do mandatário deixam a desejar em relação às suas declarações. No caso da relação de Bolsonaro com o Congresso, há um abismo entre o que ele alardeia e pratica. Ao mesmo tempo que, publicamente, se escora nas ruas e faz que exibe as garras para o Congresso — principalmente quando se vê enfraquecido –, nos bastidores ele se rende às negociações de sempre. Ou seja, aos piores métodos. É aí que ele expõe sua fraqueza. O exercício do poder já deveria ter ensinado ao presidente que, entre os velhos hábitos aos quais diz se opor, e a rendição aos fisiológicos do Congresso, existe uma avenida de possibilidades a ser trilhada. A principal delas é a que coaduna com a boa política, baseada na transparência, nas práticas republicanas e no interesse público. Emendas, por exemplo, são em geral recursos aplicados em obras que deveriam ser de interesse da população. O busílis nunca foi pagá-las, mas os critérios que as norteiam.

Canal Unic
o PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

CANAL ÚNICO PDF O JORNALEIRO
ACESSE: t.me/jornaiserevistas

A capa da edição 44 de Crusoé, de março do ano passado: o Congresso já mostrava os dentes

Ás do Centrão, o deputado Arthur Lira, do PP, por exemplo, disse que o chamado orçamento impositivo fará com que "600 parlamentares" assumam o controle de bilhões de reais em emendas para cumprir o papel, segundo ele, de "defender os interesses dos brasileiros na destinação dos recursos". As suas palavras, no entanto, não correspondem aos fatos. Na semana passada, **Crusoé** registrou, com base em reportagem de *O Antagonista*, qual foi a destinação de 3,8 bilhões de reais da verba extra do Ministério do Desenvolvimento Regional: irrigar convênios escusos e sem qualquer critério celebrados no apagar das luzes de 2019, de modo a atender interesses meramente paroquiais. Imaginem o que as excelências serão capazes de fazer com 30 bilhões de reais.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Os soldados do governo no Congresso, a quem caberia o papel de adequar as costuras políticas aos moldes republicanos, contribuem para atear mais fogo ao ambiente já inflamado. Proeminente integrante da tropa bolsonarista, a deputada federal Bia Kicis, do PSL, é uma das grandes incentivadoras do ato do dia 15, o qual divulga fervorosamente em suas redes sociais. É um sintoma explícito de que, em vez de discutir os métodos e operar no Congresso para fazer a coisa da maneira certa, as fileiras mais próximas do presidente estão empenhadas em apostar no acirramento dos ânimos. Na falta de capacidade de articulação, resta apelar para as ruas. O principal organizador da próxima manifestação contra o Congresso é o Movimento Avança Brasil, que, juntamente com o Nas Ruas, o Movimento Conservador, o Movimento Brasil Conservador, o Movimento Monarquista, a Direita São Paulo e a República de Curitiba, pretende realizar marchas contra "os chantagistas do Congresso" em ao menos 130 municípios. Também integram a campanha empresários, investidores e blogueiros bolsonaristas. Alinhado ao credo bolsonarista, o empresário Otavio Fakhoury é um dos que prometeram, publicamente, financiar os atos. Os organizadores também pedem o apoio financeiro de Luciano Hang, dono da Havan, e de Winston Ling, padrinho da união entre Jair Bolsonaro e o ministro da Economia, Paulo Guedes.

O general Augusto Heleno: conversa vazada que acusou "chantagem" de congressistas insuflou a convocação para o ato

Canal Único PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Enquanto Bia Kicis brinca de incendiária, o governo sofre reveses no Congresso. A proposta de reforma administrativa ainda não foi enviada aos parlamentares justamente por causa da resistência reinante em relação aos assuntos que vêm do outro lado da Praça dos Três Poderes. Em *live* na noite desta quinta-feira, 27, Bolsonaro reconheceu as dificuldades na relação com o parlamento. "Alguns falam que eu não tenho articulação com o Congresso. Realmente eu não consigo aprovar o que eu quero lá. Até gostaria que fosse botada alguma coisa, muita coisa, mas [o projeto] não é botado em pauta. É a regra do jogo. E você tem que respeitar", disse ele. "Gostaria de fazer muito mais pelo Brasil. Estou há seis meses com um projeto na Câmara. Não vou desistir, vou buscar fazer tudo o que eu prometi. O Parlamento nosso tem lá os seus problemas. Eu quero o Parlamento mais atuante", acrescentou.

A história ensina que é um perigo para um presidente ficar completamente a reboque do Congresso. Depois da redemocratização, dois presidentes foram apeados do poder quando perderam as rédeas da governabilidade. Detalhe: ambos — Fernando Collor e Dilma Rousseff — tinham partido, menos ou mais forte, ao contrário de Jair Bolsonaro. Ao fim e ao cabo, ele rompeu com a agremiação que lhe deu abrigo na disputa presidencial, o PSL, por não ter tido força suficiente para impor a sua vontade. É o caso esdrúxulo de um inquilino do Palácio do Planalto que não tem partido e que encontra dificuldade para criar um próprio — o Aliança pelo Brasil ainda está muito longe de obter o número de assinaturas necessário para pedir o registro na Justiça Eleitoral e, assim, é altamente improvável que seja capaz de ter candidatos próprios nas próximas eleições municipais. A manifestação do dia 15, aliás, também servirá para angariar assinaturas, nas diferentes cidades onde ocorrerá.

Um presidente sem partido, sem costuras firmes em torno de um programa e que se recusa a fazer política é um presidente à mercê do Congresso e dos seus chantagistas, para usar a expressão do General Heleno. Chantagistas que, diante dos arroubos presidenciais e da tentativa de Bolsonaro de governar com as ruas, posam de vestais da democracia. É preciso tomar cuidado. Apesar de não haver hoje condições políticas para o impeachment, ao presidente, quem quer que seja ele, não é permitido brincar com a sorte. Muito menos em um momento delicado como o de agora, em que especialistas apontam hora após hora os riscos de uma tempestade perfeita, com a instabilidade na economia global ante a ameaça de uma pandemia do novo coronavírus. "O cenário é bastante preocupante. Parece que o governo se deu por satisfeito com a reforma da Previdência. Mas ela só serviu para o Brasil não virar uma Argentina. O ajuste fiscal não está completo. A reforma administrativa, por exemplo, não anda desde setembro", diz a economista Solange Srour. O quadro requer, no mínimo, alguma cautela e visão do jogo que se desenrola em Brasília. E isso nada tem a ver com chancelar as vontades da velha política.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

A Comissão de Anistia pretende debater a revisão de uma leva grande de indenizações questionáveis: a conta é absurda

O custo anistia

As indenizações a vítimas do regime militar já passam dos R$ 20 bilhões — e até hoje chegam ao governo faturas absurdas, algumas delas classificadas como "tentativa de estelionato"

28/02/2020 01:56

HELENA MADER

► OUVIR NOTÍCIA

Os números são eloquentes. O pagamento de reparações morais e financeiras a vítimas da ditadura já custou 10 bilhões de reais desde 2002, quando o governo regulamentou as regras para indenizações a perseguidos políticos. Há ainda 14 bilhões de reais pendentes de pagamento. Para se ter a dimensão do tamanho da conta da anistia, o

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

cálculo supera o valor previsto para investimentos do governo federal no Orçamento deste ano. Desde que assumiu o cargo, em janeiro de 2019, a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, começou a rever benefícios. Em meio a casos de vítimas torturadas, exiladas ou que tiveram suas vidas devassadas pelo regime militar, há uma infinidade de outras situações injustificáveis — escandalosas até. A Comissão de Anistia vai debater a revisão de uma leva grande de indenizações questionáveis, como pagamentos indiscriminados a grevistas e anistias concedidas a cabos da Aeronáutica, classificadas como "estelionato" pelo Ministério Público Federal. Foram identificados, inclusive, indícios de direcionamento para aquinhoar pessoas alinhadas aos governos do PT. É evidente que existem circunstâncias em que a reparação se justifica. Chama a atenção, no entanto, o fato de não haver um petista estrelado que militou na ditadura que não tenha recebido indenização. Ex-presidente do partido, o atual deputado Rui Falcão, por exemplo, recebe 11,7 mil reais mensais de pensão. Paulo Vannuchi, ex-ministro dos Direitos Humanos de Lula, ganhou uma indenização em parcela única de 54 mil reais. José Genoino, com 100 mil reais, e José Dirceu, com 66 mil, também foram beneficiados numa tacada só.

Até o governo Michel Temer, havia uma orientação tácita na Comissão de Anistia no sentido de facilitar as indenizações. Desde 2002, o governo recebeu 78,5 mil pedidos de anistia, dos quais 68,4 mil foram analisados e 10,1 mil estão pendentes de debate no colegiado. Quase 57% das indenizações solicitadas foram aprovadas. O auge ocorreu em 2003 e 2004, os dois primeiros anos de Lula no poder, com o deferimento de 22.747 mil pagamentos. A partir de 2018, houve uma forte inversão nessa tendência e o número de indenizações negadas passou a ser bem maior que o das deferidas. No ano passado, por exemplo, a Comissão de Anistia rejeitou 1,9 mil pedidos e aprovou 341. Houve ainda uma mudança de entendimento quanto a consensos em vigor desde 2002. Um deles diz respeito à concessão de indenização a quem participou de greves até 1988. Toda paralisação ocorrida até aquele ano, mesmo que fosse de cunho trabalhista, era considerada política só pelo fato de ter ocorrido no período pré-redemocratização. Era uma das "brechas" para que as indenizações fossem liberadas quase que automaticamente. O entendimento deu azo a pagamentos indiscriminados – uma verdadeira farra com dinheiro público.

Em reunião da Comissão de Anistia realizada na semana passada, o conselheiro José Augusto da Rosa Valle Machado, representante dos anistiados no colegiado, reconheceu a necessidade de uma análise individualizada e pormenorizada dos pedidos de indenização feitos por grevistas da ditadura. Ele defendeu que a Comissão de Anistia realize uma

Canal Único PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

audiência pública sobre o assunto. “Temos que saber quais greves tiveram interesse político e quais foram realizadas com cunho meramente trabalhista. Não podemos afirmar que medidas contra qualquer tipo de manifestação de greve possam ser consideradas ato de exceção”, argumentou. Outro conselheiro, Diógenes Camargo Soares, manifestou opinião semelhante. Ele usou uma metáfora para explicar seu entendimento: o temporal que atingiu a região metropolitana de São Paulo, no último dia 10. “Muitos prejuízos podem ter sido causados por leniência do estado. Mas todos os 17 milhões de moradores afetados pelo dilúvio têm direito a indenizações? A verificação tem que ser feita caso a caso. E, no das greves, é preciso comprovar a motivação política”, defendeu.

Sob Damares, a Comissão da Anistia já rejeitou 1,9 mil pedidos

A situação que mais mobiliza integrantes do governo hoje é a de um grupo de ex-cabos da Aeronáutica. Em outubro de 1964, poucos meses depois de os militares apearem João Goulart do poder, a Força Aérea baixou uma portaria que limitou o tempo de serviço dos cabos da corporação a oito anos de atividade. As reais intenções desse ato administrativo suscitam controvérsias há mais de cinco décadas e, segundo estimativas do Ministério da Defesa, o desfecho da polêmica pode causar um rombo de mais de 13 bilhões de reais aos cofres públicos. Desde 2002, quando foi editada a lei que regulamentou o pagamento de anistias, mais de 2,5 mil cabos afastados na época da ditadura receberam o status de perseguidos políticos, com direito a vultosas indenizações. Agora, a Advocacia-Geral da União e o ministério de Damares criaram uma força-tarefa para tentar demonstrar que a limitação do tempo de serviço dos cabos durante a ditadura foi um ato administrativo sem nenhuma conotação política, editado com o simples objetivo de reduzir o efetivo da Aeronáutica.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Desde janeiro, o governo notifica ex-militares anistiados ou seus familiares beneficiados sobre a abertura de um processo de revisão do pagamento das anistias, autorizado pelo Supremo Tribunal Federal em outubro do ano passado. Um estrelado time de advogados, que inclui ministros aposentados do STF como Carlos Ayres Britto e Eros Grau, entrou em campo para tentar demonstrar que os cabos sofreram perseguição política e, por isso, fazem jus aos repasses.

Nos últimos 18 anos, o governo já gastou impressionantes 3,9 bilhões de reais por causa da decisão da Comissão de Anistia que, em 2002, declarou os antigos cabos como anistiados políticos. A União tem conseguido segurar a cobrança de valores retroativos, que, segundo o Ministério da Defesa, podem alcançar 13 bilhões de reais. O Ministério Público Federal está do lado do governo. O subprocurador-geral da República Brasilino Pereira dos Santos classificou as indenizações aos antigos militares como uma “fraude evidente”. Na ação que discutiu as indenizações no Supremo, ele lembrou que o processo de revisão das mais de 2,5 mil anistias, “todas suspeitas de haverem sido obtidas de forma criminosa, mediante estelionato”, começou por recomendação do Tribunal de Contas da União, que desde 2006 questiona a concessão generalizada de benefícios, sem uma avaliação caso a caso. Em 2019, as anistias de militares custaram 513 milhões de reais aos cofres do Ministério da Defesa e quase 75% desse valor foi destinado aos benefícios dos antigos cabos. Quase 35 anos depois da redemocratização, a fatura das indenizações parece não ter fim.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevista

O motorista e o caseiro: Eriberto e Francenildo não se arrependem de ter contado o que viram

É preciso falar

Anos após ganharem a ribalta, o caseiro que denunciou Palocci e o motorista que ajudou a derrubar Collor dizem o que pensam sobre revelar escândalos do poder

28/02/2020 01:56

RENATO ALVES

► OUVIR NOTÍCIA

O *entourage* de um político poderoso costuma tocar afinado. É formado por pessoas de absoluta confiança, muitas vezes conhecidas de longa data e escolhidas a dedo, que sabem à perfeição qual é o seu papel na linha de produção, digamos assim. Se o grupo é corrupto e age como uma quadrilha, a blindagem é questão de sobrevivência e a lei do silêncio quase sempre impera. Mas, felizmente, há chances de incidentes pelo caminho. E

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

foi graças a incidentes que o país pôde conhecer alguns dos mais bem azeitados esquemas de corrupção já montados na República. Não fosse pela colaboração de criminosos do grupo corrupto, por exemplo, a Lava Jato não teria desmontado os dutos do petrolão. Bem antes de os delatores da operação ganharem a ribalta, porém, dois modestos funcionários de políticos graúdos tiveram papéis cruciais em escândalos. Eles ajudaram a derrubar Fernando Collor de Mello da Presidência e Antonio Palocci do Ministério da Fazenda do governo Lula. **Crusoé** foi atrás do motorista Eriberto França e do caseiro Francenildo Costa para saber como eles vivem, anos depois de ocuparem as manchetes, e o que pensam sobre a decisão que um dia tomaram de revelar aquilo que viam nas coxias do poder.

"Eu faria tudo de novo"

Há 13 anos, trabalhando como caseiro, Francenildo viu de perto Antonio Palocci, então ministro da Fazenda e homem forte do governo Lula, entrar e sair de uma mansão às escondidas durante festas animadíssimas e reuniões para partilha de dinheiro. Resolveu contar tudo. Palocci até tentou negar, mas foi apeado do cargo dias depois. O troco veio a galope para o caseiro. Três dias após ter denunciado o ministro, Francenildo teve seu sigilo bancário violado na Caixa. Era uma tentativa de mostrar que ele teria recebido dinheiro para denunciar Palocci. O caseiro, porém, demonstraria que o dinheiro que havia em sua conta fora depositado por seu pai biológico.

Desde que decidiu contar em uma entrevista o que sabia sobre Palocci, o caseiro de pele castigada pelo sol e mãos calejadas jamais conseguiu ter outra vez a carteira de trabalho assinada. Mas ele não se faz de rogado. "A coragem de trabalhar eu vou ter sempre", diz. É reconhecido nas ruas — e nem sempre isso é bom. "Me chamam de safado, dedo duro, dizem que o Palocci vai me matar." Perguntam, fazendo troça, por que ele ainda trabalha, pois estaria rico. "Eu só respondo: 'Da vida do vizinho quem sabe é o fuxiqueiro'. Também tem gente que me dá parabéns, quer tirar foto. Os elogios que me botam lá em cima compensam esses daí." Entre ataques e vivas, ele toca a vida fazendo um pouco de tudo. Pinta, constrói, limpa, lava, reforma, quebra, planta. Às vezes leva seu filho de 20 anos, que parou de estudar no ensino médio, para ajudar na labuta. Orgulha-se de ter uma clientela cativa.

Canal Único PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

O piauiense de Nazária, pacata vila com menos de 10 mil habitantes nos arredores de Teresina, mora na periferia de Brasília com a mulher e os dois filhos. O mesmo lugar em que vivia quando ficou conhecido em todo o Brasil. Com a ajuda do advogado, Wlicio Chaveiro, e amigos, fez supletivos e conquistou os diplomas de ensino fundamental e ensino médio. Ele afirma que, de toda a história, faria apenas uma coisa diferente — e não se trata da decisão de denunciar ou não. “Eu não botava o dinheiro do meu pai na conta. Deixava embaixo do colchão para não terem feito o que fizeram comigo, quebrado o meu sigilo. Aí não ia ter nada.”

Francenildo fala a Crusoé: vida melhor após o escândalo, mas nem tanto

Calmo e sempre fitando o chão enquanto fala, o homem de 37 anos de repente fecha o semblante. “O trem foi barra pesada, um pesadelo da porra. Eu estava falando a verdade, né? Hoje em dia tem gente filmada com mala de dinheiro e tudo, e fala que é inocente. Imagine eu naquela época. Ninguém acreditou em mim.” Sobre a acusação que fez a Palocci, ele diz: “Pode ser qualquer um. Eu faria tudo de novo”. Francenildo diz ter uma curiosidade sobre a delação de Palocci na Lava Jato. “Será que não tem um anexozinho falando do meu caso, falando que eles erraram comigo? Até agora, ninguém pediu desculpas”, diz. Se ainda não conseguiu o pedido de desculpa, o caseiro foi indenizado pela Caixa. Em maio passado, após recorrer a todas as instâncias e perder, o banco público pagou 950 mil reais ao cliente, por ter violado o sigilo dele.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

O dinheiro trouxe um pouco de conforto, mas Francenildo continua acordando cedo para trabalhar com o filho. Fez uma pequena reforma em casa, para a qual comprou alguns móveis, e investiu em seu negócio. Trocou o carro antigo por uma pequena picape nova e adquiriu equipamentos modernos, automáticos. Com isso, passou a atender mais clientes no mesmo Lago Sul, o bairro da mansão onde viu as farras de Palocci e sua turma. O restante do dinheiro ele guardou para "emergências". Além da indenização, o caseiro embolsou algum dinheiro recentemente para autorizar que a sua história fosse contada em um filme do mesmo cineasta que dirigiu "Bruna Surfistinha" — a produção está em curso.

Francenildo mantém até hoje, em casa, o cartão azul e laranja da Caixa da época em que sua conta foi violada. Ele segue com conta aberta no banco e reage com bom humor quando perguntado por que não foi para a concorrência. "É bom que não preciso ir a outro banco, né? Foi só jogar o dinheiro dentro", diz.

"Tem que falar e assumir"

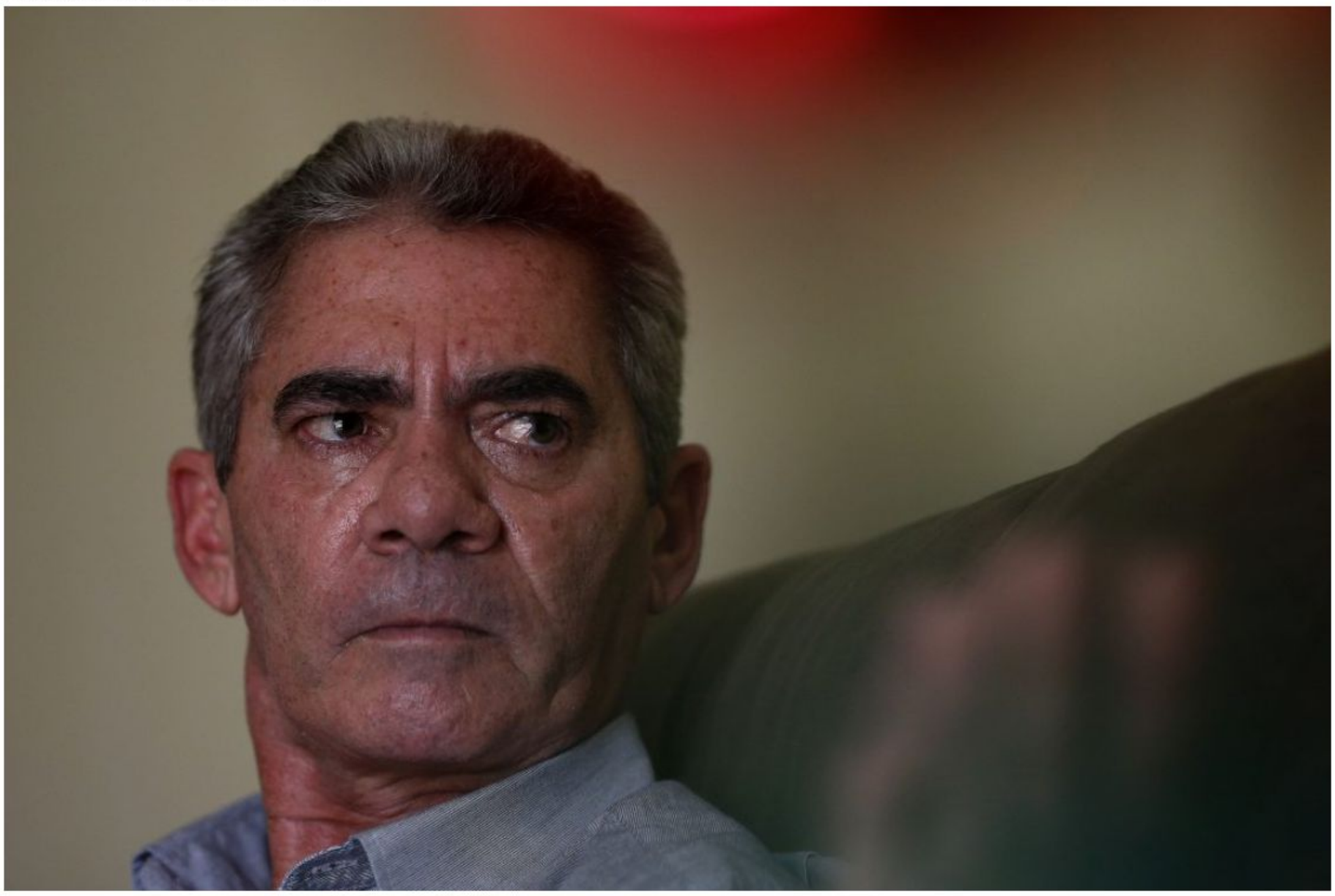
Se pudesse voltar no tempo, Eriberto França talvez fizesse diferente. Ele seguiria dirigindo para a Presidência da República sob Fernando Collor, mas diz que pensaria duas vezes antes de denunciar que Paulo César Farias, ex-caixa de campanha do então presidente, bancava despesas pessoais da então primeira-família. Quando pensa nas cifras bilionárias de dinheiro surrupiado no petrolão, por exemplo, Eriberto se irrita. "Em relação à Lava Jato, o impeachment do Collor não é nada. Aquilo ali foi um grãozinho de areia numa praia qualquer. Não vou dizer que o Collor é santo, mas perto dessa galera aí ele foi um estagiário, um aprendiz." Ele reclama da falta de reconhecimento. "Você se desgasta, desgasta a família, corre perigo de vida. O brasileiro tem memória curta. Se tem 30 anos *(que denunciou Collor)* e não fui reconhecido, vou ser quando?", diz.

A falta de emprego também incomoda. O homem de 54 anos, que era uma espécie de faz tudo da secretária de Collor, está há oito sem um registro sequer na carteira de trabalho. Eriberto se vira fazendo bicos em produtoras de vídeo. Aprendeu o ofício na antiga Radiobrás, hoje Empresa Brasil de Comunicação, a EBC. Teve duas passagens por lá. A última acabou em 2011, quando ganhava 1,9 mil reais por mês. Antes, teve cargo no Ministério dos Transportes. A mulher dele também está desempregada. Os dois filhos se graduaram e trabalham. A família mora de aluguel em um apartamento de classe média em Brasília.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Eriberto diz que os bicos o ajudam a manter as contas em dia. O sogro também ajuda com algum dinheiro. O motorista do caso Collor diz ter asco de política e, sempre que alguém lança a ideia de resgatar o passado para lançá-lo candidato, reage com veemência. “Fui convidado por ex-governador de Brasília, por senador, por deputado. Mas tenho medo de entrar num esquema da política e me corromper...”. E completa: “Eles metem a mão no que é nosso, no erário, roubam, roubam, roubam. Aí passam alguns meses na cadeia, voltam para suas mansões milionárias. Tem que ser cadeia para valer. Não esse negócio de delação, tornozeleira eletrônica.”

Adriano Machado/Crusoé



Eriberto França diz que recusou convite para retornar ao Palácio do Planalto

O ex-motorista jura que ainda guarda segredos dos velhos tempos — e observa que a posse dessas informações é a sua proteção. “Isso é a minha segurança. Por isso que não fizeram nada comigo. Nem minha esposa, casada comigo há 32 anos, sabe. Se eu for abrir o resto do leque, ainda tem coisa para cacete. Foi só a metade. Tem coisas tenebrosas. Vai morrer comigo, vai para o túmulo.”

Antes de sair da EBC, Eriberto recebeu um convite para trabalhar, acredite se quiser, no Palácio do Planalto. Declinou na hora. “Você chega ali e ainda encontra gente da época do Collor. Tem um pessoal doido por ele. Eu ia ser hostilizado por causa de uma gratificaçãozinha de 1 mil reais? Conheci o sistema de perto, dentro do gabinete presidencial. Não volto para lá.” E para onde quer ir, então? “Estou tentando voltar para a EBC. É só uma saideira para cavar minha aposentadoria. Aí vou montar um comércio. Talvez distribuidora de bebidas, restaurante, vendinha. Vai ter bode, mocotó, buchada”, conta o potiguar de Pau dos Ferros, cidadezinha de 30 mil habitantes.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

A exemplo de Francenildo, Eriberto também espera receber uma indenização. Só que, no caso dele, é por insalubridade nos tempos em que trabalhou na TV pública. Apesar do arrependimento, o motorista não tem dúvida de que agiu certo. E estimula o gesto. “Se você acha que a coisa está errada, prejudicando pessoas, tome uma atitude. A denúncia não é pecado, não. Isso aqui é uma democracia. Tem que falar e assumir, mesmo sabendo que o preço pode ser alto.”

DF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Maduro em vestes militares: ele diz que o Brasil busca um "conflito armado" com a Venezuela

Ele quer confusão

Por que o ditador Nicolás Maduro tem repetido a lorota de que o Brasil, em combinação com os Estados Unidos, quer guerra com a Venezuela

28/02/2020 01:56

DUDA TEIXEIRA

► OUVIR NOTÍCIA

O ditador da Venezuela, Nicolás Maduro, tem elevado cada mais o seu tom belicoso. Depois de ordenar um exercício militar denominado Escudo Bolivariano 2020, ele afirmou que as manobras continuarão indefinidamente, com operações sendo feitas sem aviso em qualquer canto do país. Ex-motorista de ônibus, ele também passou a ser visto com frequência usando um uniforme verde-oliva, costume de seu antecessor Hugo Chávez.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Para justificar as manobras militares, Maduro tem acusado outros países, em especial o Brasil e os Estados Unidos, de planejar um ataque ao seu país. As manobras — que incluíram milicianos com foguetes capazes de derrubar aviões e soldados correndo com fuzis nos acostamentos de estradas — teriam, assim, o objetivo de dissuadir os inimigos internacionais do regime. “Essa tática de dissuasão usada pelo regime é risível. Um país não deve colocar em evidência seu poder de fogo, ainda mais quando os equipamentos são claramente obsoletos”, diz o cientista político venezuelano José Vicente Carrasquero.

“Há terroristas no território brasileiro preparando ataques e incursões militares contra a Venezuela. E nós temos direito de nos preparar”, declarou Maduro antes dos exercícios. Ele foi além: tachou o presidente Jair Bolsonaro de “fascista” e acusou o governo brasileiro de dar apoio a adversários do regime que tentam derrubá-lo. “Bolsonaro está arrastando as forças militares do Brasil para um conflito armado contra a Venezuela, ao amparar um grupo de terroristas que atacou um quartel militar venezuelano”, prosseguiu o ditador.

Há dois motivos evidentes, e interligados, para que Maduro começasse a inventar ameaças externas, a fim de tentar desviar as atenções. O primeiro deles é a situação econômica do país causada pela ditadura. Ela deteriorou-se ainda mais. Após calcular bastante os prós e contras da decisão, os Estados Unidos aplicaram sanções à Rosneft Trading, uma subsidiária da estatal petrolífera russa que tem feito vários acordos com a Venezuela. Desde que os americanos impuseram sanções à exportação de petróleo no ano passado, os venezuelanos passaram a vender 75% de sua produção para a Rosneft, que revende o produto a outros países. A comissão por essas vendas era o que dava algum oxigênio para a elite chavista. Sem ter como compensar seus companheiros, Maduro pode ser derrubado por eles.

Exercício de militares venezuelanos: a retórica de Maduro anima as claques

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevista

A segunda razão tem relação com a mudança na postura da Rússia com a Venezuela. Além de perder 3,5 bilhões de dólares com a queda de valor de mercado da Rosneft em um único dia por causa das sanções americanas, os russos também estariam deixando de receber pelos empréstimos feitos à PDVSA, a estatal de petróleo venezuelana. Em 2018, eles repassaram 6,5 bilhões de dólares para os venezuelanos. A dívida terá de ser liquidada pelo regime de Maduro com a exportação de petróleo até o final de 2020. No terceiro trimestre do ano passado, o atraso no pagamento já alcançava 800 milhões de dólares.

A Rosneft também assumiu a operação de alguns poços da PDVSA que estavam com a produção declinante e sem pessoal preparado para executar as funções. Os russos entraram em uma enrascada. Falta energia para fazer com que os campos funcionem. Para resolver a questão, Maduro publicou um decreto de "emergência energética para o setor de hidrocarbonetos". Depois, criou uma comissão presidencial com o sugestivo nome de Alí Rodríguez Araque, em homenagem a um velho aliado do regime. O grupo terá "caráter plenipotenciário e contará com todo o poder do estado venezuelano para a defesa, reestruturação, reorganização e transformação integral de toda a indústria petroleira".

A solução do problema, porém, não será tão fácil. "A comissão que Maduro formou me parece um arremedo. O grupo inclui militares que não entendem nada do negócio petrolífero", diz o analista Andrés Serbin, especialista em assuntos venezuelanos. Maduro pode estar querendo também mandar uma mensagem para os russos de que os investimentos feitos por eles estão assegurados e que a Venezuela terminará de pagar a dívida. "Acho difícil que os russos comprem essa ideia", diz Serbin.

No início de fevereiro, o ministro de Relações Exteriores da Rússia, Sergey Lavrov, fez uma visita à Venezuela. A viagem terminou sem declaração conjunta. Especula-se que Lavrov teria pressionado os venezuelanos. Além disso, o presidente russo Vladimir Putin confirmou que fará uma viagem oficial a Cuba, mas não incluiu a Venezuela no roteiro. Maduro tenta agora que Putin demonstre o seu apoio a ele fazendo uma parada em Caracas.

Se a Rússia virar as costas e o dinheiro com a exportação de petróleo seguir caindo, Maduro não terá mais como agradar à guarda pretoriana que o protege. Resta a ele, como se disse, buscar inimigos externos para tirar o foco da crise interna. Vestir uniforme militar e dizer que o Brasil quer invadir a Venezuela é das poucas coisas que ele ainda pode fazer para manter a sua claque animada.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

"O papa tem um histórico de aproximação com os líderes populistas de esquerda da América Latina"

O papa e os populistas

Estudioso da relação do Vaticano com a política, o liberal chileno Axel Kaiser diz que Francisco comunga das ideias dos convidados esquerdistas que recebe no Vaticano e tem aversão ao capitalismo

28/02/2020 01:56

DUDA TEIXEIRA

► OUVIR NOTÍCIA

Professor visitante da Hoover Institution, um think tank da Universidade Stanford, nos Estados Unidos, o chileno Axel Kaiser, de 38 anos, foi surpreendido nos últimos dias com pichações em muros do Chile. Frases com os dizeres “Mais Axel Kaiser, menos Marx” começaram a aparecer em cidades do sul do país e fotos foram compartilhadas na internet.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Para ele, os autores das frases provavelmente são jovens que foram influenciados por seus livros e pelos cursos que tem dado em escolas e via redes sociais. “Nós criamos um movimento de pessoas que abraçam a liberdade e não querem o autoritarismo nem a demagogia populista de esquerda ou de direita”, diz Kaiser, que é formado em direito no Chile, tem mestrado em estudos americanos e concluiu doutorado em filosofia na Alemanha.

Coautor do livro *O Embuste Populista*, que escreveu com a guatemalteca Gloria Álvarez, ele dedicou um capítulo ao papa Francisco nessa obra. O pontífice também foi tema de outro livro de Kaiser, lançado em 2017, chamado *O papa e o capitalismo: um diálogo necessário*. Segundo ele, Francisco escolhe seus convidados, incluindo Lula, pela ideologia. “O papa tem um histórico de aproximação com os líderes populistas de esquerda da América Latina. Eles têm as mesmas ideias”, diz.

Nesta entrevista a **Crusoé**, além de falar sobre o papa, Kaiser comentou as manifestações em seu país, que já duram quatro meses. Para ele, a origem dos protestos está nas reformas da ex-presidente Michelle Bachelet, que elevaram os impostos e reduziram o crescimento econômico. Uma nova Constituição, cuja convocação será levada a um plebiscito em abril, só pioraria as coisas. “Estou extraordinariamente pessimista.”

O papa Francisco recebeu Lula no Vaticano. Isso o surpreende?

Não. O papa tem um histórico de aproximação com os líderes populistas de esquerda da América Latina. Eles têm as mesmas ideias. Francisco não se importa se o convidado foi acusado de corrupção, tanto que a argentina Cristina Kirchner também se encontrou com ele. Em 2015, ele recebeu até o cubano Raúl Castro. O ditador comunista saiu do encontro dizendo que, se o papa continuasse falando do mesmo jeito, ele voltaria a rezar e regressaria à Igreja. Francisco esteve ainda na Bolívia, para ver Evo Morales. Vários ativistas radicais da Argentina também já conversaram com ele no Vaticano.

Mas ele também recebeu o ex-presidente argentino Mauricio Macri, de direita.

Francisco, que também é argentino, nem sequer ligou para Macri, para parabenizá-lo por sua eleição em 2015. Ele esteve com o ex-presidente apenas 22 minutos na biblioteca do Vaticano. No encontro com Cristina, ele a convidou para uma refeição, e ela permaneceu em sua residência por várias horas. O papa não tem a mesma relação com as pessoas de direita. Isso é evidente.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevista

Qual é o impacto que essas atitudes do papa têm nos países da América Latina?

O papa é uma figura influente, poderosa. Muitos fiéis católicos acham suas ideias relevantes. Francisco tem disseminado um discurso ideológico de ressentimento, de luta de classes e contra o capitalismo, que tem causado muito dano para a América Latina.

A Igreja Católica sempre foi contra o capitalismo?

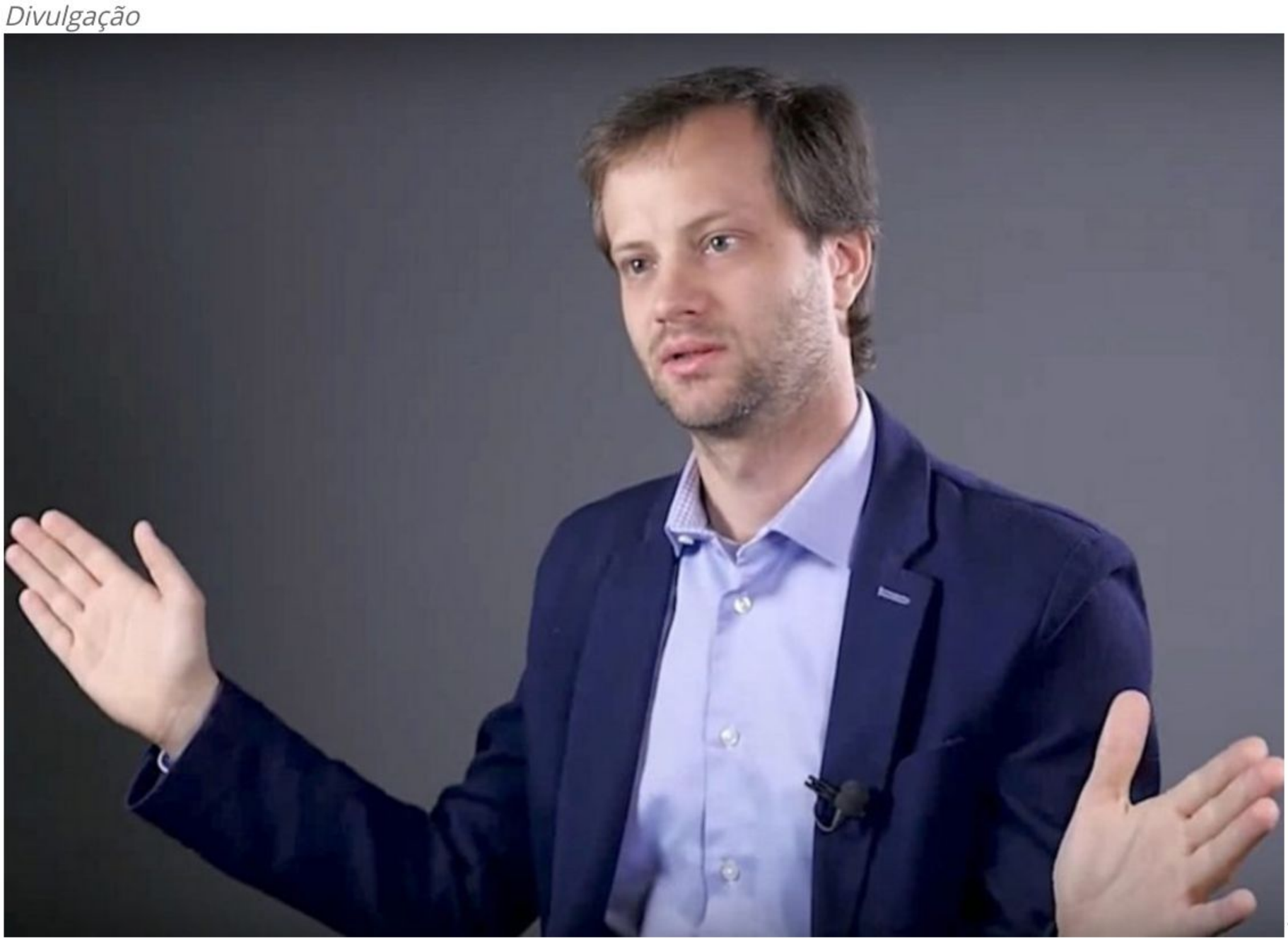
Não. A Igreja tem uma tradição intelectual a favor do mercado. Foram padres espanhóis que lançaram as bases do liberalismo econômico moderno. O jesuíta Juan de Mariana (*1536-1624*) foi uma das figuras mais relevantes nesse sentido. Ele dizia que os funcionários do estado buscavam melhorar seu patrimônio à custa dos demais. Para tanto, eles se esforçavam em aumentar o poder do rei, ou seja, do próprio estado. A recomendação de Mariana era a de que se buscasse um príncipe que, tendo eliminado todas as despesas supérfluas, diminuísse os impostos. Além de Juan de Mariana, vários sacerdotes intelectuais desenvolveram muitas ideias da economia moderna. Eles acreditavam que o mercado funcionando com liberdade gerava mais bem-estar social para a população.

Como isso se perdeu?

A tradição libertária lamentavelmente foi sendo esquecida. O papa Leão XII (*1810-1903*) e, especialmente, o papa Pio XI (*1857-1939*) inauguraram uma tradição de desconfiança frente ao mercado e ao liberalismo, embora defendessem a propriedade privada e condenassem o socialismo marxista. Os papas João Paulo II e Bento XVI seguiram uma linha mais tolerante com o capitalismo. Eles não deixaram de fazer críticas, mas tinham uma visão mais favorável. Foi o capitalismo, afinal, que mais tirou pessoas da pobreza e mais ajudou a preservar o meio ambiente. Francisco rompeu totalmente com isso. Ele assumiu uma postura muito radical e pouco fundamentada. É o papa mais agressivo com o capitalismo.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Divulgação



"Francisco tem disseminado um discurso ideológico de ressentimento, de luta de classes e contra o capitalismo"

A crítica do papa ao capitalismo perpassa a sua defesa do meio ambiente?

Francisco está legitimamente preocupado com a natureza, assim como muita gente. Mas ele não estudou o assunto a fundo e diz coisas exageradas, histéricas. Ele fala muito da cultura do descarte. Diz que as pessoas são descartadas assim como os bens de consumo no sistema industrial de produção, que é o capitalismo. É claro que ele se refere à economia de mercado e ao liberalismo econômico.

O papa já condenou o socialismo, o ditador Nicolás Maduro ou a ditadura cubana?

Nunca vi Francisco condenando o socialismo ou as ditaduras latino-americanas. Desconheço qualquer declaração desse tipo. Em 2016, ele chegou a dizer que são os comunistas os que pensam como os verdadeiros cristãos. Ele disse isso literalmente. Seria uma surpresa para mim se ele, sendo tão condescendente e favorável com pessoas de esquerda, emitisse uma declaração censurando regimes autoritários da região.

O Vaticano atuou como mediador nas negociações entre a ditadura de Maduro e a oposição. Ele teve algum sucesso?

Nenhum. A participação do Vaticano só serviu para que a ditadura de Maduro ganhasse legitimidade e tempo em momentos cruciais. A mediação do Vaticano tem sido um fator muito negativo na crise venezuelana. Muito negativo. Não consigo ver o Vaticano exigindo concessões reais desses líderes de esquerda, para restabelecer a democracia e os direitos individuais. Não vejo como a Igreja possa dar qualquer contribuição positiva para a cidadania.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

O papa é populista?

Ele tem ideias clássicas do populismo latino-americano. É peronista. Foi muito influenciado por essa doutrina. E o peronismo é o populismo mais emblemático na região. Além disso, ele foi um seguidor da Teologia do Povo, a versão argentina da Teologia da Libertação que nasceu logo depois do Concílio Vaticano II, na década de 1960.

Qual é a relação entre essas duas correntes?

A Teologia do Povo é mais suave nos métodos que propõe para mudar a sociedade. Não defende a revolução e a luta armada como a Teologia da Libertação, mas tende a idealizar a pobreza. Os seus seguidores atribuem toda sorte de virtudes aos pobres, que eles chamam de povo. Enquanto isso, os poderosos e os ricos não têm nenhuma qualidade boa. São o que eles chamam de antipovo. A sociedade fica assim dividida em dois campos homogêneos e antagônicos: o povo puro e a elite corrupta. A Teologia do Povo acredita que existe um sistema social e estruturalmente injusto que precisa ser mudado.

"Ele (Francisco) foi um seguidor da Teologia do Povo, a versão argentina da Teologia da Libertação que nasceu logo depois do Concílio Vaticano II"

Canal Único PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

A Teologia do Povo distorce a doutrina católica?

A Teologia da Libertação, a Teologia do Povo e a ordem dos jesuítas nutrem a visão de que não é o comportamento individual que define se uma pessoa está ou não no caminho de Jesus Cristo. Para seus adeptos, não é o indivíduo que, exercendo o livre-arbítrio, escolhe entre o bem e o mal. Eles entendem que há uma dimensão anterior, que é a social. De alguma maneira, as estruturas sociais que eles consideram injustas impedem as pessoas de tomarem decisões livres. É essa a visão de Francisco e de muitos outros. Para eles, os verdadeiros pecadores são aqueles que mantêm essas estruturas. Os culpados são sempre os ricos e poderosos. Os demais, que podem cometer crimes ou delitos, são vistos até certo ponto como vítimas dessa estrutura social, da desigualdade, do mercado. Isso me parece muito subversivo. Até onde entendo a doutrina cristã, o livre-arbítrio é um patrimônio de todos os seres humanos, independente das nossas circunstâncias específicas. Para além da sua condição social, uma pessoa sempre tem a liberdade de escolher entre o bem ou mal. E isso está muito em sintonia com a filosofia liberal clássica.

Os protestos no Chile, que completaram quatro meses, são uma resposta à desigualdade, ao liberalismo ou aos planos de aposentadoria privados?

Tudo isso é falso. A desigualdade vem diminuindo desde os anos 1990 de maneira contundente. O Índice Gini (*que mede o grau de desigualdade*) caiu de 0,57 para 0,46. O Chile é menos desigual que Brasil, México, Paraguai, Costa Rica e Colômbia. Além disso, o Chile é o país com maior mobilidade social de todos os membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, a OCDE. É mais fácil um chileno que está entre os 25% mais pobres chegar ao estrato dos 25% mais ricos que um francês, um alemão, um austríaco ou um americano. A pobreza no Chile caiu de quase 50% nos anos 1990 para menos de 8% da população. É um recorde que nenhum país da América Latina exibe. E temos o melhor índice de desenvolvimento humano da região.

Qual é a razão dos protestos, então?

Ideologia. Há cerca de 20 anos, instalou-se uma narrativa segundo o qual o Chile era um inferno de desigualdade, de abuso, de injustiça social. Michelle Bachelet chegou ao governo para um segundo mandato e, em 2014, fez reformas que prejudicaram a economia e frustraram as pessoas. Ela subiu os impostos das empresas de 21% para 27%. As companhias chilenas hoje pagam mais taxas que as suecas. Bachelet também passou a impedir que os empresários descontassem do imposto pessoal o que eles já tinham pagado como acionistas ou donos de empresas. Com essa mudança, a taxa real efetiva que um

Canal Único PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

empresário paga de imposto passou para quase 45%, o que é uma loucura. Para piorar, ela deixou tudo muito mais complexo, com normas difíceis de serem interpretadas. Foi uma reforma muito ideológica, que gerou caos. A economia, que antes crescia 5% ao ano, passou a crescer menos de 2% a partir de 2014. O investimento teve quatro anos seguidos de queda com Bachelet, o que não ocorria desde os anos 1960.

Qual foi o impacto disso na sociedade chilena?

Os salários pararam de aumentar, os empregos diminuíram e muitas pessoas começaram a trabalhar por conta própria. Sebastián Piñera, o atual presidente, prometeu tempos melhores. Mas ele não usou seu capital político para fazer as reformas necessárias e melhorar a situação da classe média.

Por que Piñera não o fez?

Um presidente liberal ou de direita naturalmente reduziria o tamanho do estado, baixaria os impostos, abriria os mercados, flexibilizaria o mercado de trabalho. Piñera não fez nada disso e fala muito em desigualdade. Ele diz que o estado precisa dar proteção social para a classe média. Nenhum presidente liberal falaria isso. Piñera, na verdade, é um social-democrata.

Piñera convocou um plebiscito para o dia 26 de abril, para decidir sobre uma nova Constituição. O que se pode esperar disso?

Nada de bom pode sair dessa Constituição. A América Latina é a região do mundo com a maior quantidade de constituições. Sempre que se mudam as leis, o resultado é um desastre. O Chile estava indo bem, só precisava de reformas pontuais. Mas o diagnóstico feito pelas pessoas foi muito equivocado. Uma nova Constituição deverá incluir ideias de esquerda, mais socialistas, que acabarão causando um enorme dano. Estou extraordinariamente pessimista.

Canal Unico P
DF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

A caneta de Davi

28/02/2020 01:56

► OUVIR NOTÍCIA

Sem alarde, Davi Alcolumbre aprovou na mais recente reunião da mesa diretora do Senado — a primeira desde que ele assumiu a cadeira que já foi de Renan Calheiros e José Sarney — uma resolução que lhe dá plenos poderes para decidir sozinho se acolhe ou rejeita recursos apresentados por participantes de concursos públicos organizados pela casa. A autorização especial chamou atenção porque, nas próximas semanas, será lançado um edital para o preenchimento de 40 vagas abertas em razão da aposentadoria de servidores. Antes, os recursos tinham que passar pelo crivo dos sete senadores integrantes mesa. Agora, com a resolução, tudo dependerá apenas da caneta de Alcolumbre.

Agência Senado

A nova função do presidente do Senado: juiz de concurso público

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Bolsonaro vs. Witzel

28/02/2020 01:56

► OUVIR NOTÍCIA

A briga de Jair Bolsonaro com Wilson Witzel deve causar danos colaterais muito em breve a alguns comandados do governador fluminense. Brasília acompanha de perto os indícios de que esquemas antigos do governo do Rio continuam a funcionar na administração do ex-juiz, alçado à condição de um dos maiores desafetos do atual inquilino do Palácio do Planalto. Não será surpresa se uma operação da Polícia Federal colher os envolvidos.

Carlos Arthur/Futura Press/Folhapress

O presidente e o governador antes do rompimento: agora, é guerra declarada

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Eletricista de luxo

28/02/2020 01:56

► OUVIR NOTÍCIA

Esta é de corar de raiva os defensores dos cortes de gastos no governo, como Paulo Guedes. Semanas atrás, o Comando do Exército publicou em seu boletim interno a autorização para que um soldado fizesse uma viagem de quase três semanas a Washington, com tudo pago. A razão da missão, programada para terminar nesta quinta-feira, 27, logo após o Carnaval, é um tanto prosaica: o soldado foi despachado aos Estados Unidos para "executar serviços elétricos" na sede do escritório de negócios do Exército na capital americana. O bureau tem, entre suas atribuições, a tarefa de cuidar da aquisição, no exterior, de armas e equipamentos militares para o Brasil.

Divulgação/Exército

QG do Exército, em Brasilia: despesa insólita

O

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Vai ficando...

28/02/2020 01:56

► OUVIR NOTÍCIA

A vontade de Sergio Moro prevaleceu ante os movimentos intensos para tirar Maurício Valeixo do comando da Polícia Federal. A saída do delegado era dada como certa por integrantes da cúpula do governo. Eles diziam que a troca se daria antes do Carnaval, mas o ministro da Justiça e Segurança Pública convenceu o presidente de que não era hora de fazer a mudança. Em conversas reservadas até dias atrás, porém, Moro não se arriscava a dizer até quando conseguirá segurar Valeixo. Nesta quinta-feira, 27, o presidente Jair Bolsonaro recebeu no Palácio da Alvorada o também delegado Anderson Torres, secretário de Segurança do Distrito Federal, apontado como o nome de sua preferência para assumir o comando da PF.

Pedro Ladeira/Folhapress

Valeixo é homem de confiança de Sergio Moro

Canal Único PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

A conta de Lula

28/02/2020 01:56

► OUVIR NOTÍCIA

Desde que Lula saiu da cadeia, há pouco mais de três meses, o governo já gastou 66 mil reais com o pagamento de diárias a assessores que o acompanham em viagens. Uma parte do valor foi desembolsada pelos cofres públicos para que alguns desses auxiliares — um civil e três militares que trabalham na segurança do petista — fizessem treinamento e testes de tiro em Brasília. Ao todo, foram pagas 154 diárias em razão de viagens de Lula a pelo menos sete cidades. Um decreto de 2008 estabelece que ex-presidentes dispõem de quatro servidores para segurança e apoio pessoal, além de dois assistentes com cargo em comissão DAS 5, um dos mais bem-remunerados do serviço público. Entre as benesses, estão ainda dois veículos oficiais com motorista. Os salários dos seis funcionários a serviço de Lula custam 780 mil reais por ano.

Cassiano Rosário/Futura Press/Folhapress

Entre as despesas com assessores de Lula, treinamento de tiro em Brasília

Canal Uni
co PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Lulinha & Cabral

28/02/2020 00:30

Os policiais da Operação Mapa da Mina, que avançou sobre os milhões repassados por companhias telefônicas às empresas de Fábio Luís Lula da Silva, o Lulinha, querem ouvir Sérgio Cabral. À época em que o emedebista estava no governo do Rio, a secretaria estadual de Educação contratou uma empresa do grupo Oi para desenvolver um projeto contra a evasão escolar, e a companhia repassou parte do contrato para uma das empresas ligadas a Lulinha. Os investigadores desejam saber de Cabral como se deu o negócio e quem participou dele. O ex-governador já sinalizou que quer colaborar.

Alex Silva/Estadão Conteúdo

Lulinha: Cabral se mostra disposto a falar sobre o primogênito de Lula

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

DIOGO
MAINARDI
NA ILHA DO DESESPERO

Superpop...

28/02/2020 00:30

► OUVIR NOTÍCIA

Na segunda-feira, no Sambódromo, Luciana Gimenez pronunciou a frase do século:

"Bolsonaro quem inventou fui eu, né?"

Sim, foi ela. O que confirmou a fama de agourento de Mick Jagger. Sua passagem pelo Brasil, em 1998, quando ele conheceu a apresentadora de TV, desencadeou uma série de reveses que acabaram conduzindo Jair Bolsonaro da poltrona branca do Superpop diretamente para o Palácio do Planalto. Só falta um controle remoto para mudar de canal.

Estupidamente, eu nunca havia assistido às entrevistas de Jair Bolsonaro a Luciana Gimenez. Resolvi dedicar-me a elas na Quarta-Feira de Cinzas. As chamadas do programa refletem o seu modo de governar: "Bolsonaro frente a frente com o beijo gay", "Bolsonaro encara transex que está bombando na web", "Felipeh Campos se revolta com atitude do deputado Jair Bolsonaro". O gabinete presidencial tornou-se um anexo do estúdio da RedeTV.

Luciana Gimenez costumava convidar Agnaldo Timóteo para participar das entrevistas com Jair Bolsonaro. É uma pena que ele não possa ser nomeado para a Casa Civil. Num dos programas, o letreiro dizia: "Jair Bolsonaro acredita que uns tapas na criança ajudam a corrigir socialmente". A tela, naquele instante, mostrava a imagem de Eduardo Bolsonaro, sentado na platéia.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Superpop não foi o único programa a que assisti nos últimos dias. Desde que Veneza entrou em quarentena por causa do novo coronavírus, tenho passado horas e horas na frente da TV. A rigor, estou em quarentena há cinco anos. *O Antagonista* confinou-me em casa. O site é igual ao novo coronavírus – só que mais letal. O que mudou com a atual quarentena é que eu, moribundo, agora estou enclausurado em casa com o resto de meus familiares.

Além de ver velhos programas de TV, eu vejo também o que ocorre fora da janela. Neste momento, os peões estão desmontado a plataforma que havia sido construída no hotel Gritti, do outro lado do canal, para as filmagens de Missão Impossível, que foram suspensas devido ao novo coronavírus. Em 1576, durante a epidemia de peste, Veneza perdeu Tiziano. Agora, com o novo coronavírus, a cidade perdeu Tom Cruise. É sinal dos tempos. Os tempos do Superpop.

Desmonte da plataforma para Missão Impossível, em Veneza

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Me odeie pelos motivos certos

28/02/2020 01:56

MARIO SABINO

► OUVIR NOTÍCIA

"Para fazer uma excelente sátira, bastar dizer como são as coisas."

A frase é do austríaco Karl Kraus, um dos grandes satiristas, senão o maior, do século XX. Ele era um jornalista que odiava jornalismo pelos motivos certos. Porque, é bom frisar, você pode gostar ou odiar — tudo, não só jornalismo — por razões certas ou erradas.

O ódio de Karl Kraus ao jornalismo está condensado no seguinte trecho de *Nesta Grande Época*, publicado em 1918, ano em que terminou a Primeira Guerra Mundial:

"A submissão da humanidade à economia só lhe deixou a liberdade de ter inimigos, e, se o progresso lhe acerou as armas, criou-lhe também a mais assassina de todas, uma arma que lhe tirou, para além da sua necessidade sagrada, até mesmo a última preocupação com a salvação espiritual terrena: a imprensa. Torna-se-me claro que a vida não passa de uma cópia da imprensa. Se, nesta era de progresso, aprendi a subestimar a vida, fui forçado por outro lado a sobrestimar a imprensa. O que é ela? Um simples mensageiro? Alguém que nos incomoda com as suas opiniões? Que arrasta atrás de si um séquito de personalidades informadas, a par dos acontecimentos, iniciadas e notáveis, que têm por função dar-lhe o aval, dar-lhe razão, parasitas importantes do supérfluo? Um dia as pessoas poderiam dar-se conta de como uma guerra mundial como esta foi uma coisa insignificante comparada com a automutilação espiritual da humanidade através da sua imprensa. Hoje em dia, as relações entre as catástrofes e as redações são muito mais profundas e portanto muito menos claras."

Canal Único PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Quando ouço jornalista chamando jornalista de “brilhante” ou “mestre”, tenho arrepios. Não existe jornalista brilhante. Existe médico brilhante, físico brilhante, químico brilhante. E mestre cervejeiro até pode existir, mas jornalista mestre é uma contradição em si. Mestre em quê? Cito outra vez Karl Kraus:

“O barbeiro conta novidades quando deveria apenas cortar o cabelo. O jornalista é espirituoso quando deveria apenas contar novidades. Dois sujeitos que querem subir na vida.”

Na verdade, Karl Kraus não era jornalista. Ele esteve jornalista. Eu me condenei a estar jornalista. Vim parar no jornalismo por absoluta falta de talento para qualquer coisa. Como o meu avô materno era repórter, talvez tenha me tornado jornalista por causa de um Complexo de Édipo mal resolvido, sei lá. O que sei é que odeio jornalismo, assim como Karl Kraus odiava. Não fiz amigos em nenhuma redação por que passei, não frequento rodas de jornalistas e acho um clube de carteado mais respeitável do que essas associações de classe. O tipo de jornalista mais repulsivo? Aquele que usa a verdade para contar mentiras. O mais doloroso na profissão, contudo, não é ter de conviver com esse tipo de gente. É ficar colado à realidade mais chã durante todo o tempo. Automutilação espiritual.

Nunca tantos odiaram o jornalismo como agora. Uma pesquisa do Pew Research Center, divulgada nesta semana, mostra que diminuiu o número de brasileiros insatisfeitos com a democracia. Há dois anos, 83% não estavam contentes com o pior de todos os regimes, excetuados todos os outros já tentados. Hoje, são 56%. Em tendência inversa, o apoio à liberdade de imprensa caiu de 71% para 60% no mesmo período. É curioso que os brasileiros não associem democracia a liberdade de imprensa, mas dá para entender. A imprensa andou fazendo muita coisa feia. A principal delas foi tentar deslegitimar a candidatura de Jair Bolsonaro. Ele é o que é, mas democracia é isto aí: resignar-se a ser governado por quem você não gosta na pessoa física ou de quem você discorda radicalmente na jurídica, se assim decidir a maioria. O problema é o ódio ao jornalismo pelos motivos errados. Mesmo Karl Kraus informava-se pela imprensa, e até fundou e dirigiu um jornal. Porque não tem jeito: jornalistas sempre acabam forçados a relatar fatos, embora não raro os interpretem mal.

Canal Único PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Fernando Collor de Mello caiu por obra da imprensa. A compra da emenda da reeleição, no governo de Fernando Henrique Cardoso, foi revelada por jornalistas. O mensalão de Lula, idem. As pedaladas que levaram ao impeachment de Dilma Rousseff? Imprensa. Não fossem jornalistas, a Lava Jato teria sido abortada logo no início — e, provavelmente, Bolsonaro não teria chegado ao Palácio do Planalto. Você até pode achar que a imprensa continua a carregar nas tintas em relação ao presidente, mas é inegável que o filho mais velho dele, o hoje senador Flávio, mantinha gente suspeita lotada no seu gabinete de deputado estadual, no Rio de Janeiro. E ora veja só: não haveria manifestação no próximo dia 15, se jornalistas não tivessem divulgado a fala do General Heleno sobre os chantagistas do Congresso. Chantagistas: lembre-se de que todo político é mentiroso, em maior ou menor grau, e é preciso ter gente atrás das portas, para vigiá-los e jogar o lixo fora. Alguém precisa fazer o trabalho sujo.

Odeie o jornalismo pelos motivos certos, não pelos errados. Grite quando erramos na informação, emitimos opiniões enviesadas ou, pior, usamos a verdade para contar mentiras. Mas fatos são como aquelas especialidades de restaurantes franceses — incontornáveis. Não adianta substituí-los por versões oficiais e sair gritando que tudo é fake news ou fofoca. É má sátira, inclusive. A sua maior vingança contra os jornalistas é sabê-los indissociáveis da realidade mais rasteira, mais abjeta. Para voltar a Karl Kraus, “a relação dos jornais com a vida é mais ou menos a mesma das cartomantes com a metafísica”. Você pode escapar da automutilação espiritual. Nós, não.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevista

As decisões petistas de Bolsonaro

28/02/2020 01:56

FELIPE MOURA BRASIL

► OUVIR NOTÍCIA

"Ele está enfrentando a esquerda corrupta e sanguinária por nós."

A frase é uma das legendas do vídeo de convocação da manifestação de 15 de março, compartilhado via WhatsApp, como revelou Vera Magalhães, pelo presidente Jair Bolsonaro — que, mesmo tendo sido deputado federal por 28 anos, acrescentou como lema do ato a seguinte mensagem:

"O Brasil é nosso, não dos políticos de sempre."

No fim de 2019, os "políticos de sempre" do PT, partido mais representativo da "esquerda corrupta" a que se referem os bolsonaristas, votaram a favor da divisão da primeira instância do Poder Judiciário em duas, ajudando a aprovar a criação da quinta instância no Brasil. Conforme o texto da lei, o chamado "juiz das garantias" passa a comandar a fase de investigação, enquanto um juiz de instrução e julgamento fica responsável pela ação penal aberta, incluindo a sentença.

Foram favoráveis à medida todos os deputados federais do partido de Lula, condenado em dois processos (triplex e sítio) dos nove em que ainda era réu.

São eles:

– Afonso Florence (BA);
– Airton Faleiro (PA);
– Alencar Santana Braga (SP);

Canal Un
ico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

– Alexandre Padilha (SP);
– Arlindo Chinaglia (SP);
– Assis Carvalho (PI);
– Benedita da Silva (RJ);
– Beto Faro (PA);
– Bohn Gass (RS);
– Carlos Veras (PE);
– Carlos Zarattini (SP);
– Célio Moura (TO);
– Erika Kokay (DF);
– Frei Anastacio Ribeiro (PB);
– Henrique Fontana (RS);
– José Airton Cirilo (CE);
– José Guimarães (CE), cujo assessor José Adalberto Vieira foi preso em 2005 no aeroporto de Congonhas, em São Paulo, com 100.000 dólares na cueca, além de outros 209.000 reais guardados em uma maleta;
– José Ricardo (AM);
– Joseildo Ramos (BA);
– Leonardo Monteiro (MG);
– Luizianne Lins (CE);
– Marcon (RS);
– Margarida Salomão (MG);
– Natália Bonavides (RN);
– Nilto Tatto (SP);
– Odair Cunha (MG);
– Padre João (MG);
– Patrus Ananias (MG);
– Paulão (AL);
– Paulo Guedes (MG);
– Pedro Uczai (SC);
– Professora Rosa Neide (MT);
– Rejane Dias (PI);
– Rogério Correia (MG);
– Rubens Otoni (GO);
– Rui Falcão (SP), ex-presidente do partido;
– Valmir Assunção (BA);

Canal Único PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

– Vander Loubet (MS);
– Vicentinho (SP);
– Waldenor Pereira (BA);
– Zeca Dirceu (PR), filho do mensaleiro José Dirceu, condenado também pelo petrolão.

Jair Bolsonaro podia ter exercido o seu direito constitucional ao veto, contrariando o PT. O presidente, porém, sancionou a criação do juiz das garantias, contrariando Sergio Moro, que havia lhe recomendado o veto. Bolsonaro também preferiu compactuar com o PT ao sancionar limitações à prisão preventiva e à delação premiada. Nesses casos, o presidente ainda contrariou nota técnica assinada por duas subprocuradoras-gerais da República: Luiza Cristina Frischeisen e Maria Iraneide Facchini.

Resultado: o delator agora é obrigado a relatar apenas ilegalidades que tenham ligação direta com os fatos investigados, enquanto a prisão preventiva depende de prova "de perigo gerado pelo estado de liberdade do imputado", deve ser motivada por "fatos novos ou contemporâneos que justifiquem a aplicação da medida". Além disso, o juiz tem de reanalisar a cada 90 dias as ordens de prisão e não pode mais decretar de ofício (sem ser provocado) medidas que a incluem. Tem mais: caso seja inviável aplicar medidas alternativas, a justificativa deve ser fundamentada de forma individualizada e, caso um investigado esteja preso, o inquérito sobre ele só poderá ser prorrogado uma única vez por 15 dias — caso exceda o prazo, o suspeito deve deixar a cadeia (não importando se os esquemas investigados são complexos e demandam maior tempo de apuração).

Para as subprocuradoras que haviam recomendado pontos de veto, "a exigência de demonstração do perigo gerado pelo estado de liberdade", por exemplo, "inviabilizará a prisão para evitar a simples fuga do investigado ou réu, já que a fuga, por si só, não implica perigo, embora frustre a aplicação da lei penal, gerando impunidade."

"Ademais", escreveram elas, alertando contra a blindagem de corruptos e lavadores de dinheiro, "esta previsão tende a restringir a prisão preventiva aos casos de crimes violentos, inviabilizando a prisão do colarinho branco, cujo crime pode ser extremamente danoso, porém sua periculosidade nem sempre é enxergada como tal, pelo fato do seu crime de ofender direitos difusos, ao contrário dos crimes violentos, que atingem direitos individuais e, por isso, o perigo, nos crimes cometidos pelos ricos e poderosos, tende a não ser perceptível, embora definitivamente existente."

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

As subprocuradoras ainda alertaram que o item sobre delação “restringe a eficácia do instituto e, por conseguinte, os bons resultados decorrentes dele”, pois “uma das principais razões dos expressivos resultados de grandes operações foi a possibilidade de realizar acordos de colaboração premiada que levaram a descoberta de vários crimes sem relação com os fatos inicialmente investigados, os quais foram, posteriormente, desmembrados e encaminhados aos juízos competentes”.

Além de Bolsonaro ter sancionado três sonhos do PT de uma só vez, o advogado-geral da União, André Mendonça, nomeado pelo presidente e cotado por ele para preencher uma vaga no STF, ainda defendeu em parecer ao Supremo o primeiro deles. Amigo e até organizador de livro em homenagem ao presidente da Corte e advogado de carreira no PT, Dias Toffoli, que defende a constitucionalidade do instituto do juiz das garantias, Mendonça alegou que a criação desta figura prestigia e assegura a “imparcialidade”. É a mesma alegação do deputado federal petista Paulo Teixeira, que propôs a emenda com Margarete Coelho (PP-PI) e Marcelo Freixo (PSOL-RJ).

A narrativa de que Bolsonaro “está enfrentando a esquerda corrupta” — quando o governo dele compactua com o PT e as suas linhas auxiliares nos pontos legislativos mais sensíveis sobre a investigação de todos os corruptos — é uma retórica enganosa usada pela militância bolsonarista, em sua enésima tentativa de atribuir ao presidente uma valentia moral que ele não tem demonstrado em decisões convenientes, cujas intenções se tornam inevitavelmente suspeitas, considerando que seu filho 01, Flávio Bolsonaro, é investigado por corrupção e lavagem de dinheiro no caso da rachadinha de gabinete na Alerj e que existe, em tese, o risco de delação e prisão de seu ex-assessor (e amigo há décadas de Jair) Fabrício Queiroz – o homem que centralizava o recebimento de parte dos salários dos demais assessores de Flávio e que transferiu pelo menos 24 mil reais para a conta da atual primeira-dama, Michelle Bolsonaro.

Canal Unico P
DF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

A tentativa bolsonarista de culpar o Congresso Nacional até pelas sanções presidenciais, mesmo com o presidente condecorando Rodrigo Maia e Davi Alcolumbre, além de Toffoli, por “notáveis serviços à Advocacia-Geral da União ou aos órgãos a ela vinculados”, é semelhante à tática cínica de chamar de “nova esquerda” quem critica Bolsonaro por compactuar com a esquerda: só engana os brasileiros ingênuos e/ou mal informados. Se Jair Bolsonaro, num surto de valentia moral, tivesse vetado juiz das garantias e limitações à prisão preventiva e delação, esbravejando na véspera do Natal que “nós não podemos aceitar esses caras chantagearem a gente o tempo todo. Foda-se”, seria mais fácil para a militância fazer os brasileiros conscientes acreditarem que ele tem combatido os corruptos. Mas quem soltou a frase que desencadeou a manifestação do dia 15 foi o general Augusto Heleno, referindo-se às pressões do Congresso contra o veto presidencial à proposta que obriga o governo a executar 30 bilhões de reais em emendas, cuja destinação seria definida pelo relator do Orçamento (de acordo com os interesses eleitorais dos parlamentares, claro).

Assim como ocorria no embate entre tucanos e petistas, o enfrentamento em jogo, portanto, é novamente em torno de cargo e dinheiro. Em matéria de blindagem, Bolsonaro, PT e demais “políticos de sempre” estão juntinhos.

Por eles próprios, claro, não por nós.

*** Felipe Moura Brasil é diretor de Jornalismo da Jovem Pan**

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

RUY

GOIABA

Coronavírus é coisa nossa

28/02/2020 01:56

► OUVIR NOTÍCIA

Em “Tristes Trópicos”, o antropólogo Claude Lévi-Strauss (aquele mesmo que, segundo Caetano Veloso, detestou a baía de Guanabaaaaara) referia-se assim aos estudantes da USP, universidade da qual foi um dos primeiros professores, na década de 1930: “Só a teoria mais recente parecia merecer-lhes a atenção. Fartos de todos os festins intelectuais do passado, que aliás só conheciam por ouvir dizer, já que não liam as obras originais, conservavam um entusiasmo sempre disponível pelos pratos novos. No caso deles, conviria falar mais de moda que de gastronomia (...). Partilhar uma teoria conhecida com outros equivalia a usar um vestido já visto; expunham-se a um vexame”.

Eis uma verdade: na cultura, como em outras áreas, o brasileiro sempre adorou importar moda. Com o coronavírus bombando no mundo, era injusto o Bananão ainda não ter nem um caso para chamar de seu — mas São Paulo, locomotiva do Brasil, *non ducor duco* e aquela coisa toda, já resolveu isso registrando não apenas um caso confirmado como, no momento em que escrevo, 85 suspeitos. E tenho certeza de que a hospitalidade brasileira fará o vírus se sentir em casa (“chega aí, Corona!”). Dá até para cantar com Silvio Santos a música de Jorge Ben: “Coronaví-rus é coisa nos-sa, mas o que vai vai, mas o que vai vem...”.

No fundo, nós temos alma de sacoleiro: nosso gosto por adquirir muamba de qualidade duvidosa no exterior é disseminado, democrático e inclui tanto coisas quanto ideias. Política identitária é muamba de esquerda, *alt-right* é muamba de direita: em comum, o fato de ser tudo coisa baratinha e vagabunda, que se rasga na primeira lavada. Mas, curiosamente, há coisas que o Brasil nunca se interessou muito em importar — e nem é de agora, com o dólar a quase R$ 5 inviabilizando o esquema. Nesta coluna, faço uma listinha de coisas que eu gostaria de trazer da gringa se um dia o mercado brasileiro se abrir a elas.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

– Saneamento básico

Admito que faz parte do exotismo de ser brasileiro ter cerca de metade de uma população de 210 milhões de pessoas cagando no mato — e é também o tipo de coisa que deve fazer o coronavírus ser muito bem recebido no país. Mas assim, só como sugestão, talvez fosse interessante apresentar o Brasil mais pobre às maravilhas do vaso sanitário e mostrar que é possível beber água da torneira sem que ela saia com gosto de cocô. Eles vão ficar fascinados.

– Frieza total no trato com estranhos

"Ai, os alemães [insira aqui qualquer outro povo que não seja dado às efusões do brasileiro] são tão frios." E por que eles teriam de ser calorosos com alguém que mal conhecem, como você, ô animal carente? Como bem dizia o finado Jânio Quadros, intimidade gera aborrecimentos ou filhos, e é natural que pessoas sensatas prefiram não ter nem uns nem outros com brasileiros.

– Pontualidade

Pontualidade de brasileiro é chegar 45 minutos depois do compromisso marcado – ou uma hora e meia, se você for paulistano e tiver a desculpa do trânsito. É mais bacaninha ainda quando você é médico e deixa o paciente esperando; se você for concessionário de um serviço público, então, pense na diversão que é deixar passageiros otários 45 minutos num ponto de ônibus debaixo de chuva.

(Caso verídico: em uma viagem recente à Itália, a estatal de trens do país me mandou um e-mail para avisar que o trem em que eu viajaria vinte dias depois chegaria ao destino com um atraso de... cinco minutos. Não estou brincando.)

– Iluminismo

Aquele lance que era moda na Europa faz uns três séculos, sabe qual é? Liberdade individual, tolerância religiosa, governo constitucional, separação entre Igreja e Estado, imprensa livre, todas essas plantas exóticas em solo tropical. Thomas Jefferson, o *founding father* dos EUA que dizia preferir jornais sem governo a um governo sem jornais, não se criaria num ecossistema em que presidentes preferem — e financiam — governo com blogueiros puxa-sacos.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

– Liberalismo

Outra plantinha que não se adaptou bem ao clima brasileiro: o Brasil é uma república federativa cheia de árvores e de gente louca por um carguinho no Estado ou se dizendo "liberal na economia e conservadora nos costumes" — como se tivesse alguma coisa a ver com o liberalismo esse papel ridículo de fiscal daquilo que as pessoas fazem com seu ônus da prova. O único liberal que sobrevive por aqui continua sendo aquele da frase "casal liberal topa tudo".

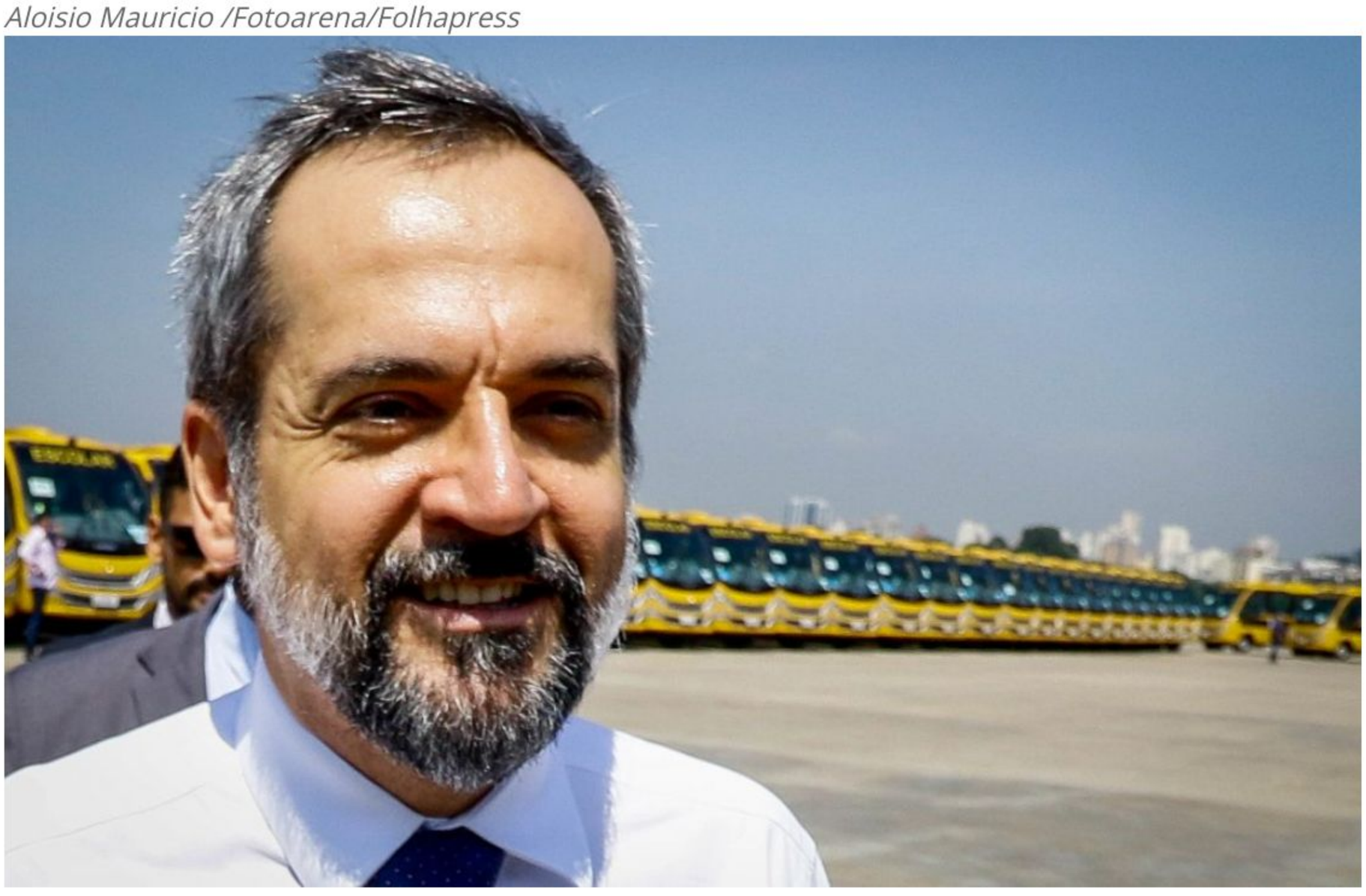
***

A GOIABICE DA SEMANA

Pelo visto, tudo corre às mil maravilhas no Ministério da Educação, porque Abraham Weintraub passa o dia lacrando nas redes sociais e fazendo embaixadinhas para a galera bolsonarista, atacando jornalistas e políticos de que ele não gosta. Se Luiz Henrique Mandetta fizesse o mesmo, provavelmente já teríamos mais coronavírus por aqui do que na China: imaginem o ministro da Saúde postando aqueles memes engraçadaços enquanto a doença corre solta.

Ainda bem que edokassão é um açunto sem importânssia.

Aloisio Mauricio /Fotoarena/Folhapress



Weintraub entrega ônibus escolares, em um raro momento fora das redes sociais

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Canal Único PDF
O Jornaleiro

Cadê o Jornaleiro, gente?!
Acesse nosso Canal no Telegram:
t.me/jornaiserevistas ou @jornaiserevistas

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas